

Franz Brentano e a Psicologia Moderna

De EVARISTO DE MORAES FILHO

QUANDO em 1874 publicou Brentano a sua *Psychologie vom empirischen Standpunkte*, reinava no campo da psicologia o mais arraigado preconceito de que a psicologia só seria possível como ciência, para se livrar das antigas doutrinas metafísicas, aliando-se ou à Física, ou à Fisiologia. Vivia-se a época das brilhantes vitórias experimentais de Weber, Fechner, Wundt, na Alemanha; Baldwin, na Inglaterra, e de Horwicz, ainda na própria Alemanha.

Nos estudos dos três primeiros, os fatos psíquicos eram apreciados como legítimos fenômenos físicos, com os mesmos métodos da ciência física, objetivamente, mecanicamente, como meras quantidades ponderáveis. E nas obras dos dois últimos, estudavam-se os fenômenos psicológicos como simples derivados dos acontecimentos fisiológicos.

Por esta razão, desde logo, começou Brentano por definir a Psicologia como sendo a ciência dos fenômenos psíquicos. Isto é, passava ela a ter objeto próprio, inconfundível. Não era mais a ciência da alma como entidade metafísica, mas também não poderia mais ser confundida, como serva, com a Física ou com a Filosofia. Por isso, o principal ponto da doutrina de Brentano é a distinção nítida entre *fatos físicos e fatos psíquicos*.

Inicialmente, distingue Brentano entre *innere Wahrnehmung* e *innere Beobachtung*. A primeira é a percepção, a fonte principal da Psicologia, que não deve se confundir com a segunda, observação interna. Segundo Brentano é impossível a observação interna, de vez que a observação só se pode aplicar aos fatos exteriores ao indivíduo. A Psicologia tem de partir da percepção interna, isto é, da experiência, como escreve Brentano: "Meu ponto de vista é empírico em Psicologia: a experiência é meu único mestre; mas, com outros, participo da convicção de que uma certa intuição ideal (*eine gewisse ideale Anschauung*) é perfeitamente conciliável com tal ponto de vista." (*Apud Th. Ribot — La Psychologie Allemande Contemporaine — Paris — 7.ª ed. — 1909 — pág. 361*).

Os fenômenos psíquicos, ao contrário dos físicos, são diretamente percebidos pela consciência no momento mesmo em que se vão realizando. Entre o sujeito e o objeto é que se dá a observação, formando um dualismo. Nos fenômenos da consciência, não. Há uma concomitância, uma intuição direta e simples do que se vai passando. Não aparece nenhuma distinção de distância, na qual uma "coisa" é observada a frio, como objeto do conhecimento. A percepção é permanente, contínua, ininterrupta. Realiza-se ao mesmo tempo que o fenômeno. Confunde-se com ele.

Partindo dessa experiência direta do mundo íntimo, eleva Brentano o edifício da Psicologia como ciência, deduzindo leis puramente empíricas, sem metafisismos. Critica ele Horwicz e Maudsley, por achar que não se podem extrair leis psicológicas da Fisiologia. Critica igualmente Brentano os trabalhos de Weber, Fechner e Wundt, não que lhes desconheça o valor — como muito judiciosamente lembra Ribot — mas porque se opõe a toda quantificação dos fenômenos psíquicos. Conclui, assim, Brentano que a Psicologia deve se contentar com leis empíricas.

Na segunda parte da sua obra fundamental, já citada, depois de passar em revista todas as teorias

que pretendem diferenciar os fenômenos físicos dos psíquicos, termina Brentano por admitir que os fatos psíquicos são representativos, isto é, ou são representações, ou têm por base representações. Agora, em que consistem essas representações? Na relação do fenômeno psíquico a um objeto. Ou melhor, nas próprias palavras de Brentano — *Psychologie* — trad. de Gaudillac — Paris — 1947 — pág. 102: "Todo fenômeno psíquico está caracterizado pelo que os escolásticos da Idade Média chamavam de inexistência intencional (ou mental) de um objeto, e que nós chamaríamos, embora com expressões não inteiramente inequívocas, a referência a um conteúdo, a direção para um objeto (pelo qual não se deve entender aqui uma realidade), ou a objetividade imanente. Todo fenômeno psíquico contém em si algo como seu objeto, se bem que nem todos do mesmo modo. Na representação há algo representado; no juízo há algo admitido ou refutado; no amor, amado; no ódio, odiado; no desejo, desejado, etc.

Esta inexistência intencional é exclusivamente própria dos fenômenos psíquicos. Nenhum fenômeno físico oferece nada de semelhante. Por isso, podemos definir os fenômenos psíquicos dizendo que são aqueles fenômenos que contêm em si, intencionalmente, um objeto".

Por esta noção da intencionalidade dos fenômenos psíquicos, que já se encontrava em Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, é que Brentano se tornou o precursor direto do movimento fenomenológico contemporâneo de Husserl, Heidegger, Hartmann e outros. O primeiro deles foi, aliás, seu discípulo pessoal em Viena, tendo escrito as suas duas primeiras obras ainda inteiramente mergulhado na filosofia de Brentano. São elas: *Philosophie der Arithmetik* - Halle - 1891 e *Psychologische Studien zur elementaren Logik* — 1894. Aliás, este último não chegou a sair em volume, trata-se de um artigo, embora longo, aparecido nas "Philosophische Monatshefte" — t. XXX.

Já nas *Ideen zu einer reinen Phanomenologie und phanomenologischen Philosophie* — Halle — 1913, págs. 174/175, confessa Husserl a origem da sua doutrina da "intencionalidade do sujeito para o objeto" em Brentano, e confessa mesmo que sem ele não teria chegado até onde chegou, no acabamento da sua doutrina.

Por outro lado, a escola de Würzburg, da introspecção experimental, de Watt, Marbe, Bühler, Messer e outros tem muito de comum com a doutrina da experiência interna e direta de Brentano, mostrando que é possível o pensamento sem imagem de espécie alguma.

Também a doutrina de Bergson dos dados imediatos da consciência (livro publicado por este último em 1889) aproxima-se igualmente da intuição interna de Brentano.

Vemos, assim, em resumo sumaríssimo, a importância e a significação da obra de Brentano, publicada em 1874, e que quase passou despercebida. Naquela época, dominavam as doutrinas psicológicas e psicofisiológicas. Só hoje se começa a dar o justo valor a Brentano, como precursor de todo o movimento filosófico contemporâneo, no que este tenha de mais profundo e representativo.